

ENTREVISTA

a Ana Dubeux,
Anamaria Rossi e
Paulo Pestana
Da equipe do *Correio*

Joaquim Roriz

“O que eu sei do presidente Fernando Henrique é que ele dirá que onde houver candidato do PMDB em situação melhor, na pior das hipóteses ele não subirá em nenhum palanque”

Ronaldo de Oliveira 15.3.98

O ex-governador Joaquim Roriz não quer conversa. Pelo menos com os adversários. Do alto de seus 42% de intenção de voto para governador do Distrito Federal, ele diz que só aceita debater quando algum dos concorrentes chegar ao seu palanque. Dizendo-se tranquilo em relação ao apoio de Fernando Henrique, Roriz aposta na reeleição do presidente para concretizar a única proposta declarada nesta entrevista ao *Correio Braziliense*: aumentar de 15 mil para 30 mil o efetivo da Polícia Militar no DF.

A seis meses da eleição, o candidato do PMDB tem algumas dividas. Não sabe se fixaria a invasão da Estrutural nem se manteria os principais programas do governador Cristovam Buarque, Bolsa Escola e Saúde em Casa. Sobre seus planos de criar 120 mil empregos no DF, prefere fazer segredo.

Mas Roriz não faz segredo dos movimentos para angariar apoios. Nega que tenha convidado o empresário Paulo Octávio e a ex-deputada Maria de Lourdes Abadia para a vaga de vice, mas admite conversas recentes com pessoas do PFL e do PSDB. E admite uma composição com o ex-parceiro e hoje rival José Roberto Arruda. Porque Roriz não acredita na terceira via. Ele está seguro de que o embate será entre ele e o PT.

Correio Braziliense — O senhor acredita que ainda pode atrair outros partidos, como o PFL?

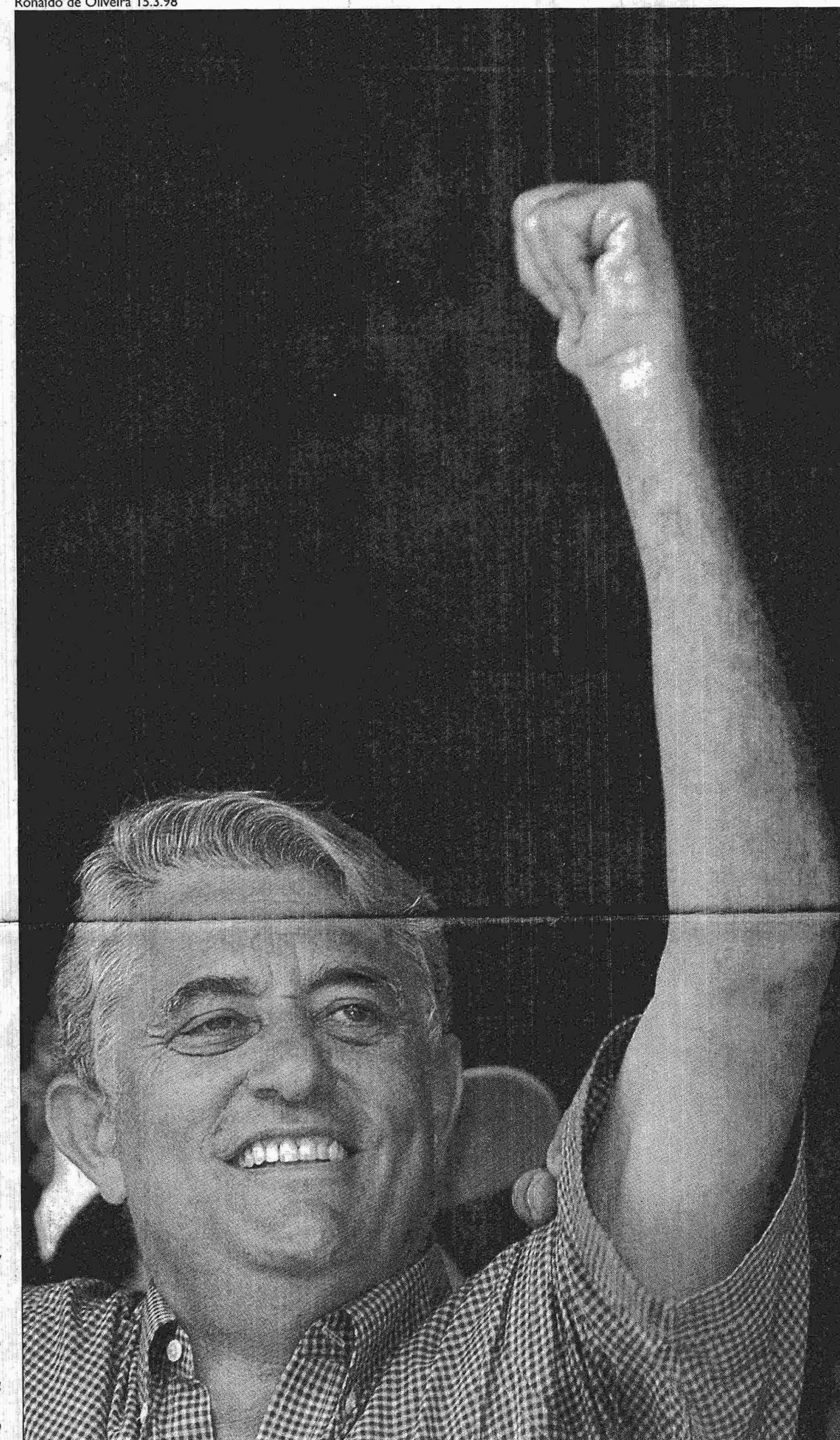
Joaquim Roriz — O PFL tem duas correntes: uma defende o apoio a nós e outra defende o apoio à terceira via. Eu vou convidá-los oficialmente para fazermos uma coligação. Informalmente já estive com essa corrente, que não é unanimidade.

Correio — O senhor convidou Paulo Octávio para ser seu vice?

Roriz — Não, nunca convidei ninguém. Eu recebi um telefonema de um amigo comum dizendo que estava acabando de sair da casa do Paulo Octávio, que dizia que se eu o aceitasse como vice ele trabalharia para o partido indicá-lo. Se eu quisesse conversar, ele estaria em tal telefone. Eu fiquei muito satisfeito pois sei que Paulo Octávio é um empreendedor, é um homem de respeito, mas por se tratar de política eu não podia telefonar porque estaria me comprometendo com uma candidatura que eu ainda estava negociando com outro partido. Me recusei a telefonar a despeito de saber que ele é importante e a aliança com ele na política é muito positiva. Nunca telefonei, nunca convidei.

Correio — Nem Maria Abadia?

Roriz — Absolutamente. **Correio — Já conversou com ela?**



Joaquim Roriz tenta governar Brasília pela terceira vez e diz que em seu governo pobre não vai pagar por lote

Roriz — Com ela, não. Conversei com pessoas ligadas a ela mandando perguntar o que ela estava pensando. Se você convida mais de um e todos aceitam como é que fica?

Correio — O senhor acredita que a terceira via está prejudicada com a saída do PPB?

Roriz — A história política universal mostra que não existe terceira força. Só existem duas, situação e oposição. Quando aparece uma terceira força ela é esmagada pelas duas grandes correntes. Como é que fica a terceira? Eu não creio em terceira via não porque lá não tenha gente capaz. Muito pelo contrário. É porque o que eles defendem não tem como. Defender o quê? Falar mal da oposição? Falar bem da situação? Quem representa a situação é o PT e nós representamos a oposição. Uma dessas correntes vai ser vitoriosa, e estamos trabalhando para que seja a nossa.

Correio — A terceira via está se mexendo. Conseguiu o apoio do PPS de Augusto Carvalho.

Roriz — Fica um negócio muito complicado, não vai dar certo. Como é que vai ficar o candidato a senador da terceira via no palanque? Com Fernando Henrique ou com Ciro Gomes? Como é que Arruda sobe no palanque de Ciro Gomes? Esses meninos estão precisando de criar juízo, amadurecer um pouco. Isso não existe.

Correio — O senhor espera para quando o apoio do presidente Fernando Henrique?

Roriz — Estou deixando o presidente muito à vontade, porque para mim o mais importante é ele ganhar a eleição. Eu o apoiei sem nenhuma negociação política, porque entendo que ele é a melhor alternativa para o Brasil.

Correio — Mas é natural que ele se sinta em débito com o PMDB e até com o senhor. Isso seria suficiente para ele apoiar sua candidatura em detrimento do candidato do partido dele?

Roriz — O que eu sei do presidente é que ele dirá a qualquer momento que onde houver candidato do PMDB em situação melhor, na pior das hipóteses ele não subirá em nenhum palanque. Inclusive acho que ele deve apoiar os dois.

Correio — O senhor acredita que o embate da campanha vai se dar entre os candidatos ao Senado, enquanto os candidatos ao governo vão se manter numa posição mais elevada?

Roriz — Eu não diria elevada. A eleição de senador não tem segundo turno, quem passa de 35% já está com a eleição praticamente assegurada. Naturalmente a minha eleição é muito mais difícil. Eu disputei com dois candidatos, um é o próprio governador. E não preciso

entrar em detalhes sobre o uso de máquina. É coisa que nós vamos estar atentos para levar à Justiça. Não estou dizendo que vão fazer ou estão fazendo isso, apenas estou chamando a atenção. Tirar do poder um governador que é candidato à reeleição é um desafio.

O outro candidato é líder do governo federal, senador da república que está aí dizendo que o governo o apóia. Não estou dizendo o presidente, estou dizendo o governo. Minha posição é mais humilde. Não tenho apoio de governos. Se eles conseguirem jogar a eleição para o segundo turno, admito que PT e PSDB podem se unir para me derrotar. Será isso que o presidente desejará?

Correio — Não foi o que aconteceu na eleição passada?

Roriz — Eu não sei, sobre o passado eu tenho uma visão diferente. As coisas comigo tem que ser muito claras, pois eu tenho uma posição política de apoio ao Fernando Henrique mas quero também as coisas muito claras. Tenho confiança nesse esquema do presidente, estou tranquilo.

Correio — Há mais acertos ou erros no governo Cristovam?

Roriz — O governo do PT frustrou a sociedade. Prometeu acabar com o desemprego, o desemprego aumentou; acabar com a violência, a violência aumentou; acabar com

o desleixo da Saúde e a Saúde piorou. Povo não aceita enganação. Cristovam pode ter boas idéias, bons propósitos, mas não deu conta de cumprir as palavras.

Correio — O que o senhor faria com a invasão da Estrutural?

Roriz — Nós não temos uma definição. Governar é muito fácil, é só fazer o que o povo quer. Vou entrar lá na favela, discutir com aquela gente, caso por caso. Não posso admitir que num país grande e tão rico o pobre precise derramar seu sangue para conquistar o direito de morar. Por outro lado, sei que ali é um lugar inadequado. Mas antes de tomar uma decisão quero ouvir todos os que moram lá. Só vou lá no dia que eu for governador eleito. Qualquer comprometimento lá é discutível.

Correio — Essa definição vai ser técnica ou política?

Roriz — Preciso de uma definição técnica para definir politicamente.

Correio — Como o senhor se sente vendo o senador Arruda criticar os assentamentos?

Roriz — Eu não vejo, eu contemplo. Não imagino isso antes da eleição dele. E se ele não tivesse colocado propaganda minha abraçado com ele nos assentamentos, ele dizendo que é o maior defensor do governo Roriz, que os assentamentos eram a maior obra do século? Ele é que tem que explicar o que houve, eu não. Eu conheci dois Arrudas. Um trabalhador, ligado a mim, e outro adversário, inimigo ferrenho. Temos que analisar não o que ele diz, mas a personalidade dele. E mesmo fazendo essa crítica com veemência eu não terei nenhuma dificuldade se um dia precisar sentar com ele para buscar um entendimento político para beneficiar Brasília e facilitar a eleição de Fernando Henrique. Estou totalmente disponível.

Correio — Os opositores ao seu programa de assentamentos argumentam que o senhor atraiu migrantes, transferiu as favelas e fez loteamentos à margem da lei de regularização fundiária.

Roriz — O censo já mostrou que eu não atrai migrantes para Brasília. Eles já estavam aí, as favelas já estavam aí. Decidimos transferir, transferimos, abrimos rua, botamos energia elétrica e chafariz. Na hora certa iríamos colocar esgoto. O importante é resolver o problema das pessoas. Esse negócio de obras, de documentos, é questão para resolver depois. Esses entraves burocráticos eu realmente passo por cima. E vou cobrar do PT: cuide de entregar a escritura para todos eles, senão eu entrego nos primeiros 30 dias do meu governo. E vai custar zero, porque pobre não paga lote.

Correio — O senhor teme a concorrência do PT nessa área?

Roriz — Eles dizem que vão

entregar 60 mil lotes, mas não existe espaço físico no Distrito Federal para fazer 60 mil lotes. Teriam que fazer três Samambaias. Se eles me mostrarem no DF uma área em condições de fazer 60 mil lotes vou pedir desculpas ao povo de Brasília, pois estava equivocado e não merecia ser governador. Só estão entregando os 15 mil lotes que eu deixei prontos e não quis entregar.

Correio — É fácil resolver o problema da segurança em Brasília?

Roriz — Eu não tenho a menor dúvida. Brasília hoje tem 15 mil efetivos da Polícia Militar, mas esse efetivo é suficiente para um milhão de habitantes, e temos dois milhões. É só passar para 30 mil efetivos. É só o Presidente da República mandar uma mensagem para o Congresso Nacional.

Correio — Não parece ser tão simples criar 120 mil empregos. Contratando mais PMs, o senhor já cria 15 mil. E os outros 105 mil?

Roriz — O que falta é o governo ter prestígio com o poder central, ter liberdade com o Presidente da República, para que todos tenham

boa vontade.

Correio — E o turismo? O senhor continuaria com o Projeto Orla?

Roriz — Isso afinal tem segredo, é só uma questão de continuar e concluir, com uma boa equipe.

Correio — O senhor abriria um cassino em Brasília depois que a lei fosse aprovada?

Roriz — Eu não tenho nenhuma análise dessa questão, não sei o que é mal e o que é bem. Posso apenas fazer uma explanação muito rápida. Bem seria se isso pudesse trazer recursos para a cidade e mal seria desviar os jovens, o que poderia ser um grande equívoco.

Correio — O que o senhor pretende fazer com a Bolsa-Escola?

Roriz — As já existentes serão mantidas, mas novas inscrições vão depender de muita análise. Queremos saber se os alunos estão realmente frequentando a escola, qual é o critério para pagar, se o menino estava na rua e foi levado à escola por causa da bolsa e se ela não está estimulando a migração.

Correio — E o programa Saúde em Casa, o senhor acha que é a solução para a saúde de Brasília?

Roriz — Saúde em Casa é um projeto nosso, só que conosco seria diferente. Em cada quadra, em cada cidade satélite, vários postos de saúde funcionando a noite toda. Ali você tem os primeiros curativos, primeiros socorros, ambulância. O doente é examinado a qualquer hora e se tiver necessidade de uma cirurgia tem uma ambulância para levá-lo a um hospital. Será que dá resultado bater na porta de uma casa e perguntar se ali tem doente ou não? Eu acho que não. Nós analisaremos os efeitos positivos e os negativos.

Correio — Seus adversários já o desafiam para um debate. O senhor vai aceitar?

Roriz — Não. No dia que eles chegarem a 40% nas pesquisas de intenção de voto, qualquer um dos dois, afi vou.

Correio — Por que o senhor acha que eles não estão no seu nível para debater?

Roriz — Acho que eles estão sim. Um é professor, outro é arquiteto...

Correio — Engenheiro.

Roriz — Isso, engenheiro. Mas por que eu vou debater com quem não passa de 20%, quando eu tenho o dobro de votos? No dia que houver equilíbrio eu estou totalmente disponível para debater, porém eu acho que isso não vai acontecer.

Correio — O senhor acha que Fernando Henrique tratou mal o governador Cristovam?

Roriz — Não. Tratou dentro da Constituição, mas não privilegiou. O empréstimo do BID depende do aval do governo federal. E por que avaliar um empréstimo quatro a cinco meses antes da eleição? Será que a obra vai ser de infra-estrutura ou vai ser politizeira?

Correio — Essa obra beneficiaria eleitoralmente dois candidatos, o governador e o senador Arruda, que aparece como o homem que faz a ponte entre o governo local e o federal. O senhor se sente beneficiado com a negativa do aval?

Roriz — Eu acho que não deveria entrar nessa questão, é um negócio técnico, mas o que eu sei é que o BID, por ser uma instituição internacional de maior credibilidade da América, não faz empréstimos em véspera de eleição.

Correio — Um dos assuntos mais comentados sobre o senhor é a sua saúde. Como anda ela?

Roriz — Eu nunca estive tão bem como agora, nunca tive a cabeça tão organizada, tão leve. Minha saúde é tão boa que eu peço a Deus apenas para conservá-la. Naturalmente há adversários que não conseguem me derrotar e ficam torcendo para que eu tenha uma doença grave, morra e saia da campanha. Nada disso vai acontecer. Praga de urubu magro não pega em boi gordo.